



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16344 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

## O CONCEITO DE RESISTÊNCIAS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS EM EDUCAÇÃO

Polena Valesca de Machado E Silva - Universidade Potiguar

Laryssa Virgilio Pereira de Araújo - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Raysa Oliveira do Nascimento - UFBA - Universidade Federal da Bahia

### O CONCEITO DE *RESISTÊNCIAS* NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS EM EDUCAÇÃO

---

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo explora as *resistências* dentro das lentes dos Estudos Culturais em Educação - ECE, por meio das normas, valores e estruturas de poder que influenciam os ambientes e práticas pedagógicas. Entendemos as resistências enquanto um conceito multifacetado que desafia as práticas culturais dominantes, abrangendo desde protestos explícitos até formas sutis de contestação. Compreendemos que as resistências podem ser qualquer pensamento, ação ou prática que busca questionar, minar e alterar as relações de poder e os discursos culturais. Manifestando-se de forma explícita, como protestos e greves, ou implícita, no uso de humor e expressões culturais para contestar narrativas dominantes.

Os Estudos Culturais em Educação são interdisciplinares e envolvem sociologia, antropologia, literatura e teoria crítica. Pioneiros como Raymond Williams (1992), Richard Hoggart (1973), Stuart Hall (1997), Grossberg (2010), Veiga Neto (2004) e Paulo Freire (2005) examinaram a influência da cultura nas práticas educacionais. As resistências destacam a agência e o empoderamento, enfrentando desafios como o risco de cooptação. Análises teóricas incluem a teoria pós-colonial, pedagogia crítica e teoria feminista, abordando legados coloniais,

conscientização crítica, empoderamento dos estudantes e influências de gênero e identidades interseccionais na educação.

Assim, surge o seguinte questionamento que embasa a nossa pesquisa: Quais são as possibilidades de resistências enunciadas nas produções acadêmicas brasileiras no campo da Educação? Esta pesquisa operou com noções teórico pós-crítico com noções de resistências. O objetivo da pesquisa consistiu em mapear e analisar as possibilidades de resistências que aparecem nas produções científicas no campo da Educação. Utilizamos como metodologia a Revisão Sistemática da Literatura - RSL (Okoli, 2019), optamos em organizar este trabalho em três partes: iniciamos com o desenvolvimento, apresentamos um breve referencial teórico acerca dos Estudos Culturais em Educação e as resistências, e o caminho metodológico da pesquisa; após o levantamento de dados da pesquisa; e por fim os resultados e discussões.

## 2 DESENVOLVIMENTO

As origens dos Estudos Culturais remontam ao século XX, com contribuições de Raymond Williams (1992), Richard Hoggart (1973), Stuart Hall (1997) e outros do Birmingham Centre for Cultural Studies. Eles se baseiam em conceitos como hegemonia (Gramsci, 2007), identidade (Hall, 1997), discurso e poder (Foucault, 1977). As resistências são complexas, envolvendo comportamentos que desafiam normas culturais e dinâmicas de poder.

Compreendemos que as resistências na Educação ganham formas no pensamento, ação ou na prática que questiona, mina e altera as relações de poder e discursos culturais prevaletentes. Manifesta-se de modos diferentes, desde atos individuais de desobediência ou não conformidade, até movimentos coletivos visando mudanças sistêmicas em políticas e práticas educacionais. Para compreender plenamente o conceito de *resistência* na educação, é imperativo aprofundar-se nos contextos teóricos que fornecem compreensão sobre suas dinâmicas. Esses contextos ajudam a visualizar como poder, cultura e *resistência* interagem dentro dos ambientes.

A *Teoria Pós-Colônia* explora os impactos duradouros do domínio colonial e como esses efeitos permeiam vários aspectos da sociedade, incluindo a educação. *Pedagogia Crítica*, enraizada nas obras de Freire (2005) e Giroux (1997) enfatiza a necessidade de uma educação que promova a consciência crítica entre os/as aprendizes. *Pedagogia Pós-Crítica*, fundamentada no pós-estruturalismo, enfatiza a importância de questionar as estruturas e discursos que moldam as práticas, desafiando assim as noções fixas de identidade, conhecimento e poder.

Esta pesquisa foi desenvolvida sob a égide da abordagem qualitativa (Minayo, 1994), o material empírico foi coletado através da RSL (Okoli, 2019), cujo campo de pesquisa foi o repositório *online* da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD. Onde nos detemos a investigar as possibilidades de resistências que apareciam nos trabalhos no campo da Educação, publicadas enquanto trabalhos de conclusão da Pós-Graduação nas Dissertações e Teses.

A RSL mapeia, organiza e avalia criticamente a pesquisa de um campo de estudo, identificando suas lacunas. Okoli (2019, p.4) define a RSL como um método sistemático e reprodutível para identificar, avaliar e sintetizar trabalhos existentes. As etapas incluem busca, elegibilidade, coleta e extração de dados, além da análise e discussão. Na etapa de busca, acessamos o repositório BDTD com as palavras-chave "resistência" e "educação".

A leitura dos resumos determinou a elegibilidade, considerando critérios de inclusão (trabalhos de 2014 a 2024) e exclusão (trabalhos fora desse período). A coleta e extração de dados foi baseada em título, ano, formato, instituição, tipo de trabalho, nível de ensino, possibilidades de resistências, objetivo, referencial teórico e resultados. Para análise, consideramos as possibilidades de resistências. Agrupamos por afinidades e realizamos inferências qualitativas e quantitativas para interpretar e contar os elementos indicados.

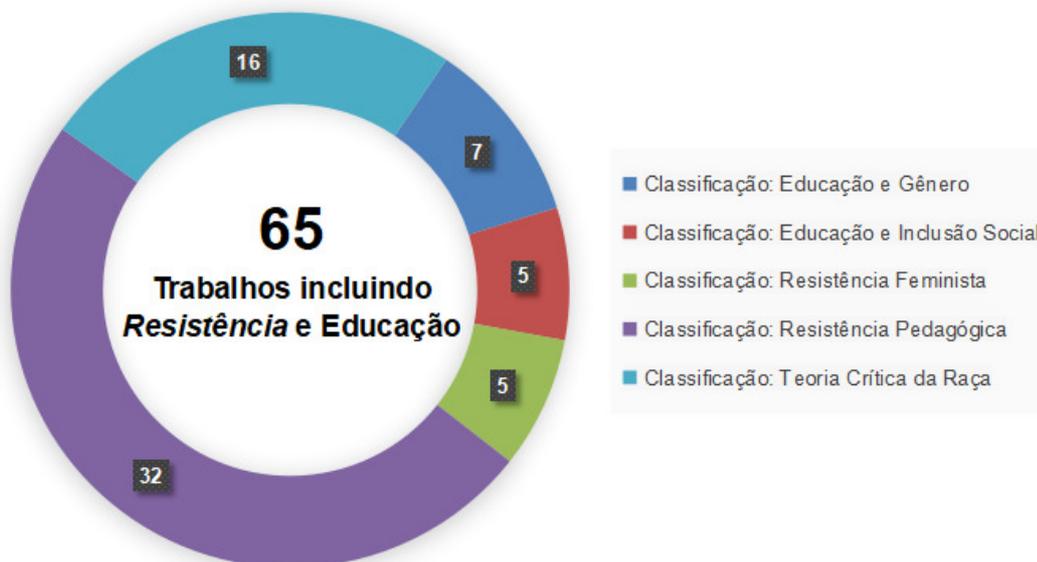
## **2.1 Percurso de levantamento de dados**

O levantamento de dados identificou 65 produções acadêmicas de universidades federais entre 2014 e 2024, incluindo dissertações e teses. Esse período foi escolhido por coincidir com a consolidação do Memorial de Formação como requisito para futuras pedagogas em Natal, Rio Grande do Norte, tema da pesquisa de doutorado da primeira autora. A análise dos 65 trabalhos usou conceitos de pós-estruturalismo, pós-modernismo e estudos pós-coloniais, permitindo compreender as manifestações de resistência na educação brasileira. Os trabalhos foram agrupados em cinco categorias de resistência: *Educação e Inclusão Social*; *Educação e Gênero*; *Resistência Feminista*; *Resistência Pedagógica*; e *Teoria Crítica da Raça*.

## **2.4 Resultado e Discussões da pesquisa**

Esta seção apresenta os resultados da RSL, realizada no repositório online da BDTD. O gráfico 1 comporta dados referentes à quantidade de trabalhos encontrados considerados na pesquisa e seus respectivos agrupamentos.

Gráfico 1 - Classificação dos trabalhos encontrados na BDTD usando as palavras-chave *resistência* e educação



Fonte: Aatoria Própria (2024).

A partir do levantamento dos dados, identificamos que dos 65 trabalhos encontrados e analisados, 65 pesquisas se utilizaram das possibilidades de resistências defendidas nas discussões do campo dos Estudos Culturais em Educação. Evidenciando-se que esse número expressivo de trabalhos no campo do ECE, potencializa a consolidação das discussões sobre as resistências na educação, como possíveis linhas de fuga, uma vez que o que está em cena são as minorias, visto que, onde há poder, há resistências. (Foucault, 1977).

Com base nas pesquisas encontradas que enunciaram as possibilidades de resistências no campo da Educação, verificamos que se acionam as resistências como fenômenos biológicos, químicos e físicos; resistências de grupos marginalizados; resistência de gênero; resistência feminista; resistência dos contextos pedagógicos e resistências de raça/etnia, tais agrupamentos estão organizados a seguir.

**Educação e Inclusão Social**, 05 trabalhos discutiram práticas educacionais que buscam promover a inclusão de grupos marginalizados, como pessoas com deficiências, minorias étnicas e linguísticas. Autores como Souza, que destaca a importância da valorização de diferentes formas de conhecimento.

[...]como pretendo mostrar, entre meus interlocutores, essa identidade se constrói, principalmente, em oposição à noção de deficiência como uma patologia tal como entendida tanto pelo

senso comum, quanto por certos discursos médicos e educacionais.” (Souza, 2023, p.23)

Os 05 trabalhos acionam possibilidades de (re)existências de vidas, diante deste cenário corroboramos com Beresford (2013) e Williams e Shoultz (1982), ao defenderem o empoderamento e autoadvocacia de pessoas com deficiências, tendo em vista a luta histórica dos diferentes movimentos de pessoas com deficiências que lutam e resistem por suas formas de existências.

**Educação e Gênero**, 7 dos trabalhos investigaram como a identidade de gênero é formada e influenciada no ambiente educacional. Eles exploram temas como a construção social do gênero, as práticas pedagógicas que desafiam as normas de gênero e as políticas educacionais que promovem a igualdade de gênero. Judith Butler (2019), com sua teoria da performatividade de gênero, e Guacira Lopes Louro (2004), que analisa a interseção entre gênero, sexualidade e educação, são autoras chave para este grupo.

A partir dessas teorizações de gênero, poder e resistência, é possível perceber que elas sempre estiveram presentes nas práticas corporais e esportivas, seja nas minhas experiências e de meus/minhas colegas, seja na história da Educação Física (Goellner, 2013).

Parafraseando Louro (2004), os sujeitos acabam sendo pré-fabricados pelas instituições, não apenas pelo ambiente educacional e se produzem a partir de relações de gênero por outras instituições.

**Resistência Feminista**, 5 trabalhos investigaram a *resistência* feminista. Estes trabalhos abordam a pedagogia feminista, a inclusão de perspectivas de gênero nos currículos e o combate ao patriarcado e à discriminação de gênero. Hooks (2019), que discute a pedagogia feminista como um ato de liberdade e resistência, e Almeida; Costa; Ramirez; Souza (2002), que estudam mídia, consumo, família, corpo e violência de gênero no Brasil, são exemplos de teóricas para sustentar essa classificação. Louro (2014), focada em gênero, sexualidade e educação, desafia as normas tradicionais. Suas pesquisas evidenciam como as práticas educativas podem tanto perpetuar quanto contestar as desigualdades, enfatizando a necessidade de uma pedagogia que reconheça e valorize a diversidade.

**Resistência Pedagógica**, reuniu 32 trabalhos, sendo o mais expressivo nesse estudo. Os trabalhos investigaram como a resistência se manifesta dentro do

contexto pedagógico. Isso inclui métodos de ensino críticos, desafios ao currículo tradicional e práticas de ensino. Henry Giroux (1997), que discute a educação como um meio de resistência contra desigualdades, e Tomaz Tadeu da Silva (2000), que explora currículos que reconheçam e desafiem relações de poder são autores essenciais nesse grupo.

A partir da década de 1970, palco de inúmeras lutas e disputas entre camponeses, povos indígenas e representantes do Capital. O Araguaia [...], usam e abusam dos poderes bélico e econômico para ameaçar, expulsar e matar indígenas[...] lutadoras dos Movimentos Sociais, além de realizarem um ataque severo à igreja católica instalada na região.” (Inácio, 2019, p. 7).

Inácio destaca as lutas no Brasil e os movimentos resultantes, evidenciando resistências em nosso contexto, como a favor do aborto, maconha, e aceitação da comunidade LGBTQIAP+. Essas lutas são pedagógicas, pois desafiam o currículo tradicional e, como Giroux e Tomaz Tadeu apontam, incentivam a sociedade a reconhecer e denunciar relações de poder.

**A Teoria Crítica da Raça** agrupou 16 trabalhos que exploraram como o racismo estrutural e as dinâmicas de poder. Esses trabalhos abordaram práticas antirracistas, currículos inclusivos que promovem a equidade racial e a justiça social. Gloria Ladson-Billings (1995), que investiga práticas educacionais antirracistas, e Nilma Lino Gomes, que discute a educação como instrumento de resistência.

“Buscamos compreender as manifestações e difusão do pensamento negro, no início do século XX, através de um dos instrumentos deste grupo, a Imprensa Negra Paulista. Da nossa análise, identificamos dois aspectos inerentes ao projeto deste comunicado: a educação e o combate ao racismo.” (Sales, 2015, p. 7).

Sales (2015), constitui uma discussão importante para construir um campo da educação a partir da descolonização, ao enunciar a possibilidade de resistência a raça, para acionar estratégias e linhas de fuga para lutar e resistir ao racismo, visto que o racismo é a “discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam privilégios ou privilégios para indivíduos” (Almeida, 2018, p.25). Os trabalhos caminham na esteira para uma Educação Antirracista, assim tal possibilidade de resistência tem aparecido com mais frequência nas pesquisas em educação e implicam diretamente na descolonização da Educação.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do mapeamento das possibilidades de resistências nas produções acadêmicas do campo da Educação, permitiu identificar que as pesquisas estão enunciando modos diferentes de resistência nas pesquisas da Educação. O estudo permite concluir que ao aplicar os achados desta pesquisa no contexto educacional, percebe-se que compreender as dinâmicas de *resistência* não é apenas teórico, mas essencial para formar práticas educativas mais inclusivas e eficazes. As *resistências*, vistas através de uma lente crítica robusta, emergem não apenas como uma reação passiva, mas como um processo ativo de negociação e transformação cultural dentro das instituições educacionais.

Os resultados desta pesquisa contribuem significativamente para o estudo da resistência na educação. Ao identificar as principais frentes de resistência na produção científica, podemos inferir os principais conflitos de poder na sociedade. Essa perspectiva ajuda a desenvolver estratégias eficazes para promover equidade e inclusão, preparando melhor as instituições para enfrentar os desafios contemporâneos e usar a resistência como força para mudança positiva. Para mais, deixaremos para futuras pesquisas as seguintes provocações: Quais são os impactos dos modos de resistências na prática pedagógica e na formação de professores e professoras?

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H.B. COSTA, R. G., RAMIREZ, M. C. e SOUZA, E. R.: **"Gênero em Matizes"**, Bragança Paulista, EDUSF, 2002.

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BERESFORD, P. **Empowerment and Emancipation**. Encyclopedia of Disability. Ed. Gary L. Albrecht. Vol.2. Thousand Oaks, CA: SAGE Reference, 2013. 593-601. Gale Virtual Reference Library. Web. 22 Oct. 2013. Disponível em: . Acesso em: 20 jul. 2024.>

BRANCO, U. V. C.; JEZINE, E. **A Expansão da (na) UFPB: Avaliando o REUNI (2008 A 2012)**. Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 60–82, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/17780>. Acesso em: 27 jul. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**.

Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DANTAS, T. C. **Experiência de pessoas com deficiência no ensino superior: um olhar sobre a vivência de empoderamento e autoadvocacia.** Revista Educação Especial, [S. l.], v. 31, n. 62, p. 525–538, 2018. DOI: 10.5902/1984686X26760. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/26760>. Acesso em: 27 jul. 2024.

FOUCAULT, M. **Introdução à vida não-facista.** Preface in: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIROUX, H. **Paulo Freire e a política do pós-colonialismo.** Pátio, Porto Alegre, v.1, n.2, p.14-19, ago./out. 1997.

GOELLNER, S.V. **A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico profissional da Educação Física.** In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-44.

GOMES, N.L. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Revista Educação e Pesquisa, Educação e Pesquisa, Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. DOI: [10.1590/S1517-97022003000100012](https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/>. Acesso em 27 jul. 2024.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere: temas de cultura.** Ação católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.4

GROSSBERG, L. **Cultural Studies in the future tense.** Durham: Duke University Press, 2010.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos.** Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973a. v. 1.

HOOKS, B. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.**

Tradução de Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Stephanie Borges.

São Paulo: Elefante, 2019a.

INÁCIO, D.M. **O Araguaia e as suas resistências insurgentes: a educação popular no sertão matogrossense.** Minas Gerais:UFMG,2019. Dissertação

apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão da Universidade Federal de Minas Gerais,2019.

Ladson-Billings, G., & Tate, W. F. (1995). **Toward a critical race theory of education. Teachers College Record**, 97(1), 47-68.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 184 p.

MINAYO, M. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p. ISBN: 8532611451.

OKOLI, C. **Guia para realizar uma Revisão Sistemática de Literatura.** EAD em Foco, 9. 2019.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SALES, Ricardo Ramos. **A Imprensa Negra Paulista e a educação: um movimento de resistência?** 2015. 99 f. Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, T. T. (Org). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**v. 34, n. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, A. M. M. **Nada sobre nós sem nós: formando jovens com deficiência para o exercício da autoadvocacia.** João Pessoa: UFPB, 2010. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

SOUZA, F.P. **Educação e Resistência: um estudo antropológico sobre a comunidade surda de sinop – mt.** 2023.78f. Mato Grosso do Sul: UFMS, 2023. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia social DA Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2023.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WILLIAMS, P.; SHOULTZ, B. **We can speak for ourselves: self-advocacy by mentally handicapped people**. London: Souvenir, 1982.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade (1780-1950)**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1992.